

Dos crimes de mando à *violência difusa*: aproximações a respeito do medo e da insegurança no processo de interiorização da violência no estado do Ceará¹

From ordered crimes to diffused violence: fear and insecurity in the process of internalization of violence in the state of Ceará

**André Lucas Maia de Brito¹,
César Barreira²**

1. Sociólogo, Mestre e doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) <https://orcid.org/0000-0001-9482-4155> **andre lucas.mb@gmail.com**

2. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, pós-doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales - Paris e pelo Instituto de Ciências Sociais - Lisboa. Professor Titular em Sociologia da Universidade Federal do Ceará e coordenador sênior do Laboratório de Estudos da Violência da UFC. Pesquisador do CNPq (nível I-A), líder do Grupo de Pesquisa Poder, Violência e Cidadania do CNPq. <https://orcid.org/0000-0001-5651-9723> **cbarreira08@gmail.com**

Resumo: Neste artigo procuramos discutir aspectos do crescente fenômeno de interiorização da violência no estado do Ceará, ou seja, o aumento do número de homicídios e da insegurança em municípios que ficam fora da região

1. Agradecemos as atentas sugestões e críticas de Ícaro Lênin, Marcio de Lucas e Nilton de Almeida. Agradecimento que se estende aos excelentes apontamentos dos pareceristas anônimos desta revista.

metropolitana de Fortaleza. Para o recorte de pesquisa, escolhemos a cidade de Limoeiro do Norte, localizada no Vale do Jaguaribe, região com histórico de crimes de pistolagem em seu passado distante e recente. Procuramos, através de métodos quantitativos e qualitativos, compreender a percepção pública sobre medo, violência e mudança de hábitos, traçando paralelos entre as novas conformações da violência com aquelas do passado. Junto a isso, discutimos as intersecções entre o urbano e o rural em uma cidade de pequeno porte do sertão cearense, sob a ótica dos julgamentos sociais a respeito da violência e do medo. O artigo é um esforço inicial de pesquisa e tem caráter exploratório, onde procuramos avançar em um entendimento sobre a proximidade social como um importante amplificador da sensação de insegurança, seja no ambiente rural ou urbano, mas com distintas repercussões e especificidades.

Palavras-chave: Interiorização da violência. Sertão. Medo. Vizinhança. Urbano. Rural.

Abstract: In this article we seek to discuss aspects of the growing phenomenon of internalization of violence in the state of Ceará, that is, the increase in the number of homicides in municipalities that are outside of the metropolitan region of Fortaleza. For the research segment we chose the city of Limoeiro do Norte, located in the Vale do Jaguaribe, a region with a history of gun crimes and political murders in its distant and recent past. We seek, through quantitative and qualitative methods, to understand the public perception of fear, violence and changing habits, drawing parallels between the new forms of violence with those of the past. Along with this, we discussed the intersections between urban and rural in a small city in the interior of Ceará, from the perspective of social judgments about violence. The article is an initial research effort and has an exploratory character, where we seek to advance an understanding of social proximity as an important amplifier of the feeling of insecurity, whether in the rural or urban environment, but with different repercussions and specificities.

Keywords: Internalization of violence. Hinterland. Fear. Neighborhood. Urban. Rural.

Introdução

A interiorização da violência é entendida, de maneira geral, como o processo de crescimento do número de homicídios e outros crimes praticados em municípios afastados geograficamente da região metropolitana de um estado. Recentemente, diversas pesquisas dão conta do processo de crescimento de homicídios nas cidades do interior do país, aumentando a participação de municípios de pequeno e médio porte no número total de homicídios no Brasil (ANDRADE E DINIZ, 2013; WAISELFISZ, 2014; SILVA, 2018). Nesse artigo, utilizaremos a designação de “pequena cidade”, seguindo a segregação populacional do Atlas da Violência de 2019 a respeito dos municípios brasileiros, para quem os municípios podem ser divididos em pequenos, com até 100 mil habitantes; médios, com uma população entre 100 mil e 500 mil habitantes; e grandes, com mais de 500 mil habitantes. Segundo o mesmo relatório, é possível observar um acentuado crescimento do número de homicídios nas pequenas cidades nos últimos anos: “Enquanto houve crescimento de 113,0% na taxa dos municípios pequenos entre 1997 e 2017, os médios sofreram relativamente pouco aumento na taxa de letalidade, e os grandes lograram uma redução de 4,5%” (CERQUEIRA *et al.*, 2019a, p. 10).

Assim, do mesmo modo que a violência migrou, nas últimas décadas, da região Sul e Sudeste para o Nordeste, hoje os estados nordestinos assistem a uma ampliação do número de homicídios em cidades que ficam fora das regiões metropolitanas em torno de suas capitais (SILVA, 2018). Tais processos chamam a atenção devido à transição pela qual passa o interior rural e suburbano, de regiões tidas como “tranquilas” e “sossegadas”, para ambientes em que o medo e a insegurança passam a ser parte do cotidiano, por exemplo, nas conversas pela vizinhança e na circulação pela cidade, especialmente à noite. O sentimento de medo impacta nos hábitos dos moradores locais, gerando mobilidade residencial e produzindo valorações sociais que repercutem na transformação das instituições e das relações sociais de maneira geral. Nesse contexto, há uma crescente demanda por policiamento e municipalização de políticas de segurança pública (VASCONCELOS, 2015), uma vez que, com o crescimento populacional e a urbanização, há uma tendência ao enfraquecimento

dos laços de parentesco, vizinhança e os seus respectivos mecanismos de controle – tendo em vista que a cidade pode ser caracterizada, seguindo Louis Wirth, como “(...) um núcleo relativamente grande, denso e permanente, de indivíduos socialmente heterogêneos” (WIRTH, 1938, p. 8).

A percepção das transformações no espaço urbano – notadas em conversas quotidianas e repercutidas na imprensa local – apontam para o fato de “como a cidade está violenta” e de que é necessário ter “cuidado” ao sair de casa. Nesse sentido, é de importante interesse sociológico a investigação sobre o processo de transformação da violência e das valorações sociais nesse contexto. Em cidades interioranas, essas transformações nos possibilitam compreender a passagem da violência caracterizada pela pistolagem e pelos crimes de honra para a *violência difusa* (BARREIRA, 1992, 1998, 2002, 2008, 2013). Na primeira, o mando e a vingança, com vistas à restauração da “honra ferida”, cumprem um papel fundamental e, na segunda, a incerteza e o medo, devido à suposta aleatoriedade do risco, geram uma alta demanda por segurança pública e policiamento ostensivo.

Nesse sentido, este artigo pretende contribuir para o registro das percepções sociais de habitantes de cidades do interior do Ceará a respeito do crescimento da violência, enfatizando as relações entre o urbano e o rural nesse contexto. Para tal, centrar-nos-emos no município de Limoeiro do Norte, localizado no Vale do Jaguaribe, uma das cidades mais desenvolvidas da região jaguaribana e, portanto, um bom exemplo das transformações investigadas nesse trabalho. No referido processo de investigação das transformações sociais, é fundamental compreender que a relação entre o urbano e o rural não se configura através de fronteiras fixas e delimitadas abruptamente, exigindo uma aproximação a partir de variados enfoques metodológicos.

Para o esforço de compreensão dessa realidade, portanto, de um ponto de vista metodológico, procuramos conciliar o uso de métodos mistos de investigação: quantitativos e qualitativos. Iniciamos apresentando, no primeiro tópico, um panorama geral, a partir de dados secundários de órgãos públicos, o crescimento do número de homicídios, especialmente através do uso de armas de fogo, no estado do Ceará e na cidade de Limoeiro do Norte, nos últimos anos.

Ainda no mesmo tópico, exploramos através de dados primários, os resultados de um *survey*² aplicado na cidade de Limoeiro do Norte, destacando alguns dados que se relacionam mais diretamente com o medo e a percepção da violência, bem como a mudança de hábitos e comportamentos por conta de tais percepções. A aplicação dos questionários se deu em locais de maior fluxo do centro urbano da cidade (sede) pela manhã. Buscou-se atingir o número mínimo de 100 questionários com vistas a ter uma quantidade que não tensionasse o resultado estatisticamente – cada pessoa representa 1% –, ao mesmo tempo que permitisse testes inferenciais (MORETTIN E BUSSAB, 2010) e a conciliação de outras metodologias, como entrevistas abertas e semiestruturadas e etnografia, que exploramos no tópico seguinte. Os 100 questionários foram aplicados a 55 pessoas do sexo feminino e 45 do sexo masculino, com idades variando entre 16 e 81 anos.

Em seguida, no segundo tópico, utilizamos métodos predominantemente qualitativos, concentrando-se tanto na área urbana, quanto nas áreas rurais da cidade. A partir de reportagens, trabalho de campo etnográfico e entrevistas procuramos discutir aspectos das novas conformações do urbano e do rural ante o fenômeno da crescente percepção de insegurança. Para tal, procuramos entender as ações sociais a partir da compreensão dos sentidos vislumbreados pelos indivíduos (GEERTZ, 2008; WEBER, 2014), entendendo o mundo rural nas suas particularidades, não tomando as mesmas como sintoma de atraso (MARTINS, 2001). Por um lado, as matérias de jornais e publicações em redes sociais cumpriram um papel fundamental na observação a respeito de julgamentos sociais e percepções a respeito da violência. Por outro, entrevistas abertas (com e sem gravador) e observações etnográficas realizadas com residentes da sede do município e das áreas rurais da cidade se mostraram extremamente frutíferas como método de investigação, no que poderíamos chamar de “entrevistas compreensivas” (KAUFMANN, 2013). Nesse contexto, nos referimos a observação etnográfica em seu sentido lato, realizado através

2. Algumas das perguntas foram retiradas e adaptadas a uma linguagem mais adequada ao nosso campo a partir do questionário da Pesquisa Nacional de Vitimização (Datafolha/Senasp/Crisp, 2013).

de meios diversos como observação e entrevistas³ a partir do “ponto de vista do ator”, como assevera Howard Becker, para quem, através desses métodos:

Podemos descobrir, não com uma precisão exata (mas maior que zero), o que as pessoas pensam que estão fazendo, que significados elas dão aos objetos, eventos e pessoas nas suas vidas e experiências. Fazemos isso por meio de conversas com essas pessoas, em entrevistas informais ou formais, em interações rápidas enquanto participamos e observamos suas atividades ordinárias, e observando e ouvindo enquanto essas pessoas continuam agindo à vontade. Podemos até usar questionários para deixá-los dizer quais significados constroem ou para escolher entre os significados que damos como possibilidade. [...] quanto mais próximo chegarmos às condições nas quais tais pessoas atribuíram sentido aos objetos e eventos, mais precisas serão as descrições de tais sentidos (BECKER, 2014, p. 189).

Procuramos ainda registrar aspectos da justificação da violência policial ante o contexto de medo social e processos de mobilidade residencial no campo e na cidade – ou seja, as dinâmicas de mudanças de domicílios e conformações territoriais que se relacionam com o medo da violência. A maior parte da pesquisa foi realizada no ano de 2017, por isso, os dados se referem a esse período, mas o contato com o campo tem perdurado até os dias atuais (BRITO, 2019). Assim, buscamos integrar metodologicamente aos dados secundários de instituições governamentais e à pesquisa etnográfica, uma pesquisa de vitimização e percepção a respeito da violência.

À medida que as estatísticas oficiais nos ajudam a construir os primeiros passos da pesquisa, limitações que resultam de subnotificações e registros imprecisos (LIMA, 2005) nos levam a entender como necessário também

3. As entrevistas foram realizadas em variados períodos e momentos desde 2017, como nos intervalos da aplicação dos questionários; em percursos noturnos pelos bares da cidade (na sede do município); em conversas com agricultores em suas casas, nos distritos rurais de Limoeiro do Norte; na rodoviária de Fortaleza, com moradores do município que deslocavam em direção à cidade e assim por diante.

investigar de maneira mais próxima as percepções e valorações sociais a respeito da violência. Nesse contexto, não podendo prescindir das estatísticas disponibilizadas pelos órgãos de segurança, precisamos encontrar maneiras de mensurar e descrever da maneira mais localizada possível os índices de violência e as percepções públicas sobre o assunto, por isso a escolha de aplicação de um *survey* de vitimização.

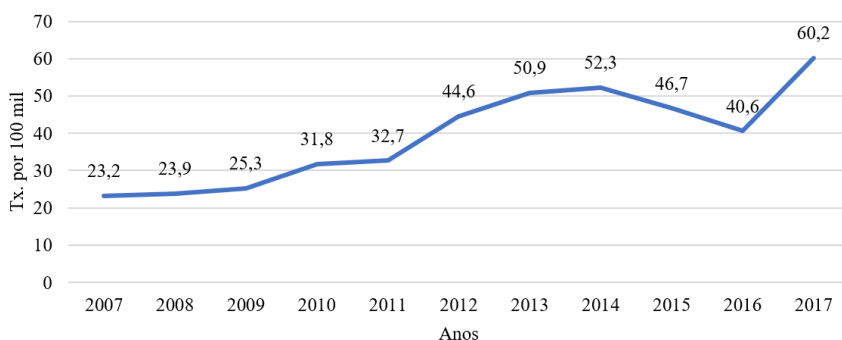
Consideradas ‘alternativas’ ou ‘complementares’ aos dados estatísticos compilados pelas instituições oficiais, as informações geradas por enquetes de vitimização poderiam refinar, um pouco mais, os estudos sobre a dinâmica da criminalidade e suas ressonâncias sociais. Através de *surveys* de vitimização somos capazes de observar de um ponto de vista quantitativo expectativas e efeitos relativos à criminalidade, além de agrupar dados, até certo ponto distintos, aos levantados pelos órgãos oficiais (MATOS JÚNIOR, 2014, p. 121).

Nesse sentido, tal artigo representa o resultado de um primeiro esforço exploratório com vistas a compreender as conformações recentes da violência em cidades de médio e pequeno porte no estado do Ceará, perpassadas por estreitas relações entre o ambiente urbano e o rural, procurando nessas observações dimensionar aspectos morais das relações tidas como violentas (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2008), da percepção do crescimento da violência e da sensação de insegurança, com as consequentes transformações sociais resultantes desse processo. Uma dimensão metodológica importante a ser destacada é que não pretendemos com essa pesquisa esgotar o fenômeno, tampouco generalizar, a partir de observações quantitativas e qualitativas localizadas, toda uma realidade complexa que envolve o fenômeno da interiorização da violência no estado do Ceará, mas tão somente realizar uma aproximação inicial do objeto de estudo, do qual esse artigo é o primeiro produto.

1. Homicídio e *violência difusa* no processo de interiorização da violência: aproximações quantitativas na zona urbana de Limoeiro do Norte

No Nordeste, o estado do Ceará tem sido, nos últimos anos, uma das unidades da federação a protagonizar o processo de explosão dos homicídios. Se observarmos a taxa de homicídios por 100 mil habitantes na década que vai de 2007 a 2017, perceberemos que o estado passou de um número de 23,2 em 2007 para alcançar o pico de 60,2 homicídios por 100 mil habitantes, em 2017.

Gráfico 1: Taxa de homicídios por 100 mil habitantes no estado do Ceará.



Fonte: Os autores, a partir do Atlas da violência (2019b).

Tal marca alcançada em 2017, a maior dentre todas as unidades da federação no referido ano e a maior da história do Ceará, dá-se em um contexto de crescimento da atuação de facções criminosas no estado e disputas territoriais, especialmente nos bairros periféricos da capital, resultando em um aumento exponencial do número de assassinatos de jovens e adolescentes.⁴ Tal crescimento no número de homicídios, no entanto, não se restringe à capital e à região metropolitana do estado. Tal fenômeno também pode ser observado em pequenas cidades do interior, como na cidade de Limoeiro do Norte, localizada

4. Ver Relatório de 2017, do Comitê Cearense pela Prevenção de homicídios na Adolescência. Disponível em: <https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio_primeiro_semestre.pdf>.

no Vale do Jaguaribe, a 200 km de Fortaleza e com uma população estimada de aproximadamente 60.232 pessoas em 2021, segundo o IBGE⁵ – cidade que, com o crescimento populacional e maior urbanização, tem dado mostras de um processo de transição nas formas de violência.

A região jaguaribana possui histórico de resolução de conflitos de modo violento, o que lhe conferiu alguma “fama” de lugar marcado pela pistolagem, ou como “terra da pistolagem” (CAVALCANTE, 2002; MAIAA, 2007; MAIAB, 2008). No caso de Limoeiro do Norte, são conhecidos popularmente os casos de morte de radialistas ou militantes políticos como Zé Maria do Tomé, em 2010, crítico do sistema de pulverização aérea com uso de agrotóxicos na monocultura da chapada do Apodi – provas da tênue relação entre poder e violência nos crimes de mando. Tais acontecimentos deixam marcas profundas no imaginário social como formas de resolução de problemas de ordem privada.

Os pistoleiros, nesse sentido, aparecem como solucionadores de problemas privados, questões entre desafetos. Estes seriam a “mão armada” de pessoas que tiveram um direito violado ou suposto como tal. Os pistoleiros aparecem, então, como vingadores, restituidores da justiça de outrem, através de soluções violentas (BARREIRA, 2002, p. 75).

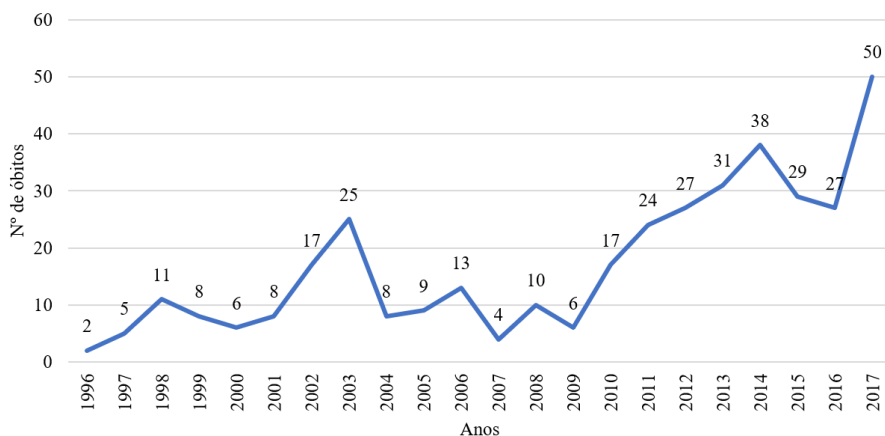
Para além dessa forma de exercício da violência, o que recentemente tem causado maior sensação de insegurança na cidade de Limoeiro do Norte é o tipo de violência que não é diretamente motivada por fins políticos ou relacionada ao campo da honra tradicional, mas pelo espraiamento e disseminação do medo, mudança de hábitos e construção de estigmas sociais – aspectos do que se costuma chamar de “violência urbana”. Os crimes recorrentes de pistolagem, no passado, inspiravam “cuidados”, é certo, especialmente no que toca, por exemplo, a não ferir interesses políticos ou a honra de terceiros. Já o “cuidado” demandado pela *violência difusa* alerta de maneira geral sobre os riscos

5. IBGE. Diretoria de Pesquisas - DPE - Coordenação de População e Indicadores Sociais – COPIS. Disponível em: < https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2021/POP2021_20211029.pdf>.

de caminhar à noite sozinho, de mulheres andarem desacompanhadas, de não “dar sopa” nas calçadas usando um aparelho celular, e assim sucessivamente. A consequência dessa percepção compartilhada é visível no reforço da segurança das casas, com muros cada vez mais altos, portões e janelas gradeados e a contratação de serviços de vigilância noturna – ações mais visíveis nos últimos anos em Limoeiro do Norte, que acompanham as taxas oficiais do aumento dos homicídios, tomado como um sinal de aumento da violência.

Olhando os dados referentes ao número de óbitos por agressões em Limoeiro do Norte entre 1996 e 2017, a partir da base de dados do Sistema Único de Saúde (sus), podemos perceber um pequeno pico entre os anos de 2002 e 2003, para, então, termos um crescimento constante a partir de 2010.

Gráfico 2: Evolução do nº de óbitos (CID10: agressões) em Limoeiro do Norte 1996-2017.



Fonte: Os autores, a partir dos dados do DATASUS (MS/SVS/ CGIAE).

Grande parte do que parece explicar tal crescimento é o aumento da participação do uso de armas de fogo na resolução dos conflitos, o que foi se agravando ao longo dos anos. Nos primeiros 11 anos do gráfico, de 1996

a 2006, as agressões em que os óbitos tinham alguma relação com o uso de armas de fogo representavam 65,1%. Um número já alto se tivermos em conta o amplo uso de armas brancas que caracterizou diversos conflitos no interior rural nordestino do século xx. De 2007 até 2017, na segunda metade do gráfico, no entanto, a participação das armas de fogo nos óbitos classificados como “agressão” saltou para 83,3%. Já nos últimos cinco anos do gráfico (2013-2017) dos 175 crimes letais, 161 possuem alguma relação com o uso de armas de fogo, ou seja, 92%.⁶ Assim, a progressão do uso de armas de fogo na resolução de conflitos é perceptível.

Procuraremos a seguir abordar alguns gráficos e resultados, gerados a partir de dados coletados por meio da aplicação de *survey* de vitimização, a respeito da percepção da violência em Limoeiro do Norte, expondo as motivações para as perguntas e o que pudemos perceber quantitativamente sobre a percepção dos limoieirenses sobre a violência em sua cidade.

A primeira pergunta tem relação com uma impressão que suscitou a pesquisa, compartilhada por alguns moradores, em contextos de observações etnográficas, referendada pelos dados estatísticos disponíveis no DATASUS. A partir dos dados coletados, pudemos perceber que 95% dos entrevistados “acham”⁷ que a cidade de Limoeiro do Norte está mais perigosa. Essa percepção acerca do aumento da violência existe, ainda que a cidade tenha registrado em seu passado – longo e mais recente – crimes de pistolagem, assassinatos políticos e até casos de assassinatos em série, notabilizados pelo uso de práticas consideradas cruéis (BARREIRA, 2013).⁸

6. Em 2018, as mortes por agressão caem de 50 (em 2017) para 13. Provavelmente, o que se explica por dinâmicas de intervenção policial, com a chegada do Comando de Policiamento de Rondas de Ações Intensivas e Ostensivas (CPRaio) no interior do estado e o arrefecimento das disputas faccionais pelo controle dos mercados ilegais, temas que fogem ao foco desse artigo, mas que pretendemos explorar em futuros trabalhos.

7. Termos informais como esses foram utilizados em diversas perguntas do questionário com vistas a facilitar a realização das entrevistas.

8. Em Limoeiro do Norte e no Vale do Jaguaribe, houve diversos pistoleiros cujas ações receberam destaque nas mídias do Nordeste e parte do país. Um dos últimos casos que chamaram a

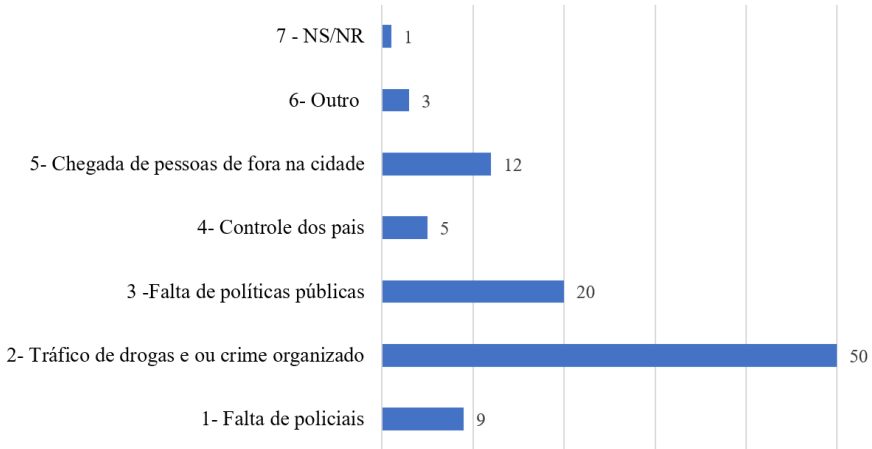
Tais dinâmicas do que se entende como a “interiorização da violência” são férteis na construção de discursos, na academia, na mídia e no cotidiano em geral, sobre o cenário e a origem do crescimento da violência. Nos discursos populares, que motivaram parte da elaboração do questionário, as discussões giram em torno de saber se a origem do quadro de violência vivenciado na cidade é externa (aqui surgem teses sobre a chegada de pessoas de fora no município, crescimento do tráfico de drogas etc.) ou interna (falta de políticas públicas, aspectos relacionados ao controle dos pais em relação ao comportamento dos filhos, baixo policiamento e assim por diante).

O que se buscou com a pergunta do gráfico a seguir foi entender o que as pessoas pensam sobre as causas do crescimento da violência na cidade, o que não significa, em absoluto, descobrir as suas causas reais. Por outro lado, indagar sobre a percepção popular é importante metodologicamente, na medida que auxilia a suscitar hipóteses sobre essas causas e, também, evidenciam, a partir do que as pessoas consideram sobre o fenômeno, a maneira como elas tratam e convivem com a questão.

atenção nacional foi o de “Chico Orelha”. O pistoleiro recebeu esse apelido pelo costume de, depois de assassinar uma vítima, cortar as suas orelhas. Em chacina ocorrida em 2003, supostamente de sua autoria, sete pessoas foram assassinadas. “Depois de baleadas, seis das vítimas tiveram a orelha cortada. Um dos mortos, (...) teve a orelha colocada na boca, o que, na linguagem da pistolagem, significa que a pessoa foi ‘silenciada’”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2009200301.htm>>.

Gráfico 3: Percentual das respostas correspondentes à primeira pergunta do *survey* aplicado em Limoeiro do Norte.

Gráfico 3 - Qual é o principal fator que você acredita estar relacionado ao aumento da violência em Limoeiro do Norte?



Fonte: dados da pesquisa.

Quando indagado sobre qual seria o principal fator relacionado ao aumento da violência em Limoeiro do Norte, a maioria dos limoeirenses entrevistados disse ser o tráfico de drogas (50%), acompanhado pela falta de políticas públicas (20%) e a chegada de pessoas de fora na cidade (12%). Em menor número, afirmaram ser a falta de policiais (9%) ou a falta de controle dos pais em relação ao comportamento dos filhos (5%). Em geral, a atribuição popular de uma causalidade *x* a um fenômeno social é feita a partir da generalização de um caso particular vivenciado. Percebemos que, recorrentemente, após uma resposta dada ao questionário, o(a) entrevistado(a) seguia com a explanação de um caso particular vivenciado por um parente ou vizinho. Por exemplo, respondendo sobre a causa da violência na cidade, uma entrevistada disse: “Acho que a causa é o tráfico de drogas, um vizinho meu mesmo, morreu mês passado por causa de dívida”.

Os questionários e as pesquisas de percepção, além de fornecerem bases empíricas para enriquecer os trabalhos acadêmicos, possibilitam ao pesquisador, no ato da aplicação das questões, percepções diversas sobre o fenômeno em estudo, indo desde as expressões verbais iniciais – quando são solicitados alguns minutos de atenção – como: “Vish! Violência em Limoeiro? Agora é só o que tem!”, até conversas abertas após a aplicação do questionário, onde se pode escutar relatos mais detalhados de crimes sofridos, violência e tortura policial executada com amigos ou conhecidos. Quando perguntamos: “Houve algum assassinato ou tentativa de assassinato de algum amigo ou conhecido nos últimos quatro anos?”, 62% afirmaram ter havido “Assassinato de amigo ou conhecido”, 4% “Tentativa de assassinato”, 29% responderam “Não” e 5% “NS/NR- Não sabem ou Não responderam”.

Se, por um lado, é comum que os indivíduos generalizem as causas da violência a partir de casos vivenciados ou conhecidos, como o assassinato por dívida de drogas na sua vizinhança, ocorre também que ter parentes ou amigos próximos que foram vítimas de homicídio ou de tentativa de homicídio amplifica fortemente a sensação de insegurança. Em cidades de pequeno porte, como Limoeiro do Norte, onde ainda persiste de modo transitório um maior grau de proximidade e “vizinhança” entre as pessoas, a partir da similitude (DURKHEIM, 2010), um homicídio não é apenas mais um número distante, mas fator de mobilização de afetos e, também, de impressões compartilhadas. Estas, por sua vez, constituem um fenômeno que acontece de forma cada vez mais rápida, pelo envio de *links* e áudios por aplicativos de mensagens instantâneas instalados em *smartphones* pessoais.

Nesse contexto, o hábito comum, em pequenas cidades como Limoeiro, de sentar-se nas calçadas ao entardecer, é fortemente impactado, levando em conta que se trata de um momento de solidificação dos laços sociais. Esses hábitos se fazem presentes com frequência em contextos com baixa população e hábitos tradicionais, sustentada por sistemas de conhecimento mútuo e confiança. Diferentemente da heterogeneidade e interdependência gerada pela divisão de tarefas em núcleos urbanos mais populosos e desenvolvidos economicamente. Os diálogos, em geral, relacionam-se a pessoas, hábitos e

acontecimentos ocorridos com parentes e amigos, sendo, portanto, um tipo de sociabilidade marcadamente tradicional, balizada pelas expectativas familiares.

Com o aumento dos casos de roubos e a disseminação de tais notícias, repassadas pelo “boca a boca” cotidiano e pelas redes sociais, o receio de sentar-se à calçada aumenta. De início, há uma resistência, mas à medida que os casos atingem conhecidos e parentes, a alternativa é limitar a exposição. Nos questionários aplicados, 73% das pessoas responderam positivamente à questão: “Você tinha o hábito de sentar na calçada à noite e deixou ou diminuiu por medo da violência?”. Nesse processo, a sensação de medo é amplificada pelos “Ecos da violência”:

Em linhas gerais, os ecos da violência são formas de estruturar relações sociais e constituem maneiras de sujeitos falarem e se comportarem diante de situações de violência conhecidas e repetidas por pessoas que compartilham experiências de aproximação do fenômeno. Entre os ecos mais significativos estão situações de medo e distinção social entre aqueles que são protagonistas e vítimas de manifestações da violência. [...] Entre as consequências desse processo, está o enfraquecimento das possibilidades de vivência cotidiana baseadas no compartilhamento de direitos e deveres comuns, com a emergência de ações orientadas pela crença na ineficiência do Estado em sua função de manter o monopólio da violência legítima e garantir o respeito aos direitos de cidadania (FREITAS e PAIVA, 2015, p. 120).

A partir dos dados do questionário, elaboramos a tabela a seguir, que exhibe uma análise de regressão onde buscou-se descobrir qual seria a principal variável independente relacionada à atitude de deixar de se sentar na calçada à noite por medo da violência. Pudemos concluir que, mesmo controlando por outras variáveis – como “Já ter sido vítima”, “Sexo”, “Idade” etc –, o medo de ter objetos pessoais roubados foi o fator mais significativo. Entre as variáveis independentes elencadas no modelo, a única que apresentou correlação com probabilidade de resultado aleatório (Sig.) menor do que a convenção padrão de 0,05 (5%) foi “Você tem medo de ter objetos pessoais roubados?”.

Coeficientes^a

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		t	Sig.
	B	Modelo padrão	Beta			
1	(Constante)	1,533	,324		4,732	,000
	Idade	-,003	,003	-,115	-1,143	,256
	Você já foi vítima de algum crime em Limoeiro do Norte como roubo, furto ou agressão?	-,059	,090	-,066	-,653	,515
	Sexo	,012	,095	,013	,122	,903
	A quanto tempo a violência parece ter aumentado?	-,003	,002	-,160	-1,609	,111
	Você tem medo de ter objetos pessoais roubados?	,150	,067	,236	2,226	,028
	Houve algum assassinato ou tentativa de assassinato de um amigo ou conhecido nos últimos quatro anos?	,031	,043	,071	,724	,471

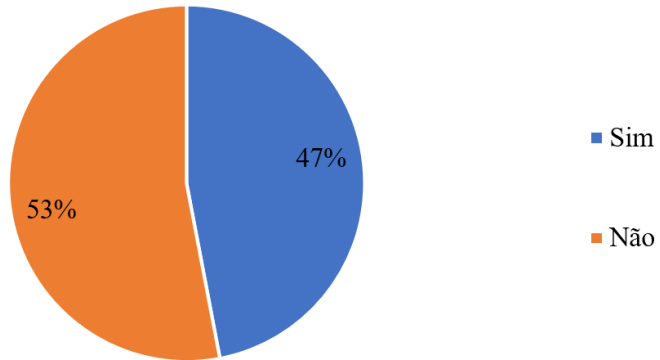
a. Variável dependente: Você tinha o hábito de sentar na calçada a noite e deixou ou diminuiu por medo da violência

Tabela 1: Fonte: Os autores, a partir dos dados do questionário.

Nesse sentido, o novo contexto de *violência difusa* suscita a percepção compartilhada de que se pode vir a ser vítima a qualquer momento, amplificando o medo e restringindo hábitos. Em comparação com os crimes de pistolagem, que são marcados pelo caráter tradicional de disputa por poder e honra – dos níveis mais localizados até os conflitos de maior dimensão política – a *violência difusa*, que caracteriza as regiões urbanas, espalha o medo de modo distribuído no tecido social e, apesar de ser seletivo quanto às principais vítimas, especialmente negras e periféricas, há uma lógica de generalização do sentimento de insegurança. Isso ocorre no caso de Limoeiro do Norte, ainda que pouco menos da metade das pessoas afirmem já terem sido vítimas de algum crime.

Gráfico 4: Percentual das respostas correspondentes ao número de vítimas em Limoeiro do Norte, a partir do *survey* aplicado.

Gráfico 4 - Você já foi vítima de algum crime em Limoeiro do Norte como roubo, furto ou agressão?



Fonte: dados da pesquisa.

Dentre os 47% dos entrevistados que afirmaram terem sido vítima de algum crime, 34% apontaram terem sido vítimas de roubo, 8% de furto, 2% de agressão e 3% de outras ocorrências. São números significativos, pois quase metade dos entrevistados afirma ter sido vítima de um desses crimes, especialmente vinculados ao patrimônio pessoal. O que nos interessa primordialmente contrastar é que, apesar de cerca de metade afirmar ter sido vítima de algum crime, 73% afirmam ter mudado hábitos como o de sentar-se na calçada e 95% consideram que a cidade está mais violenta. Ocorre que, como discutiremos no tópico seguinte, em uma cidade pequena, se quase metade afirma ter sido vítima de algum crime, a percepção de insegurança é fortemente amplificada. Além do mais, em comparação com os anos recentes, tais números resultam em importantes transformações nos hábitos dos limoeirenses. Esse resultado ajuda a sustentar a hipótese de que o medo não é uma consequência direta e proporcional ao índice de violência, destacando-se na verdade como uma

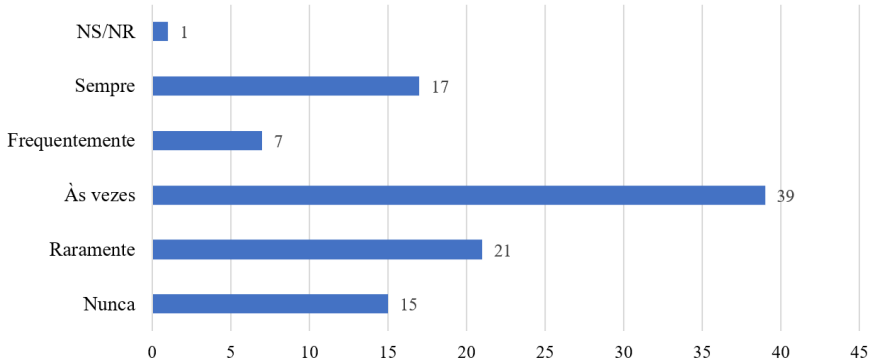
exacerbação dele muitas vezes.

O medo é um dos principais ecos da violência, e seu alcance não necessariamente envolve uma experiência empírica vivida pela pessoa autora da fala. Ouvimos dos moradores apreensões sobre o que significa para eles, por exemplo, andar à noite ou sozinhos pelas ruas de seus bairros. Tal atividade parece assustadora, pois envolve o perigo eminente de ser surpreendido pelos assaltantes às espreitas. Inclusive, parece haver sempre alguém à espreita pelo modo como as pessoas andam atentas, olhando, medindo, calculando possibilidades (PAIVA e FREITAS, 2015, p. 120).

Tais saídas à noite têm sido prejudicadas pelo crescimento do risco – ou pela percepção do mesmo – de se tornar vítima de roubos. No questionário, 68% das pessoas responderam “Inseguro” e 27% “Pouco seguro” para a pergunta “Qual é a sua percepção de segurança ao caminhar por Limoeiro durante a noite?”. Em seguida, para avaliar o impacto do medo, perguntamos: “Com que frequência você evita sair de casa à noite, por medo da violência?”. As respostas “Às vezes”, “Frequentemente” e “Sempre” somam juntas 63% do número total:

Gráfico 5: Percentual das respostas correspondentes ao medo da violência no período da noite, em Limoeiro do Norte, a partir do *survey* aplicado.

Gráfico 5 - Com que frequência você evita sair de casa à noite, por medo da violência?



Fonte: dados da pesquisa.

Nesse contexto, o medo, mesmo que não seja resultado de vitimização no passado, é o principal fator de mobilização e transformação dos hábitos em um contexto de crescimento da *violência difusa*. Tomar conhecimento de que parentes, vizinhos ou conhecidos foram vitimados de alguma maneira, em uma cidade de pequeno porte, onde o grau de proximidade entre as pessoas tende a ser maior, eleva de maneira drástica a sensação de insegurança e iminência da violência. Nesse sentido, no tópico seguinte, a partir de métodos qualitativos, discutiremos a relação entre violência e proximidade social no contexto das novas conformações entre o urbano e rural na cidade de Limoeiro do Norte. Trataremos ainda de questões relacionadas aos julgamentos morais a respeito da atuação policial na sede do município.

2. O *continuum* urbano/rural e a violência difusa: registros sobre mobilidade residencial e violência policial a partir de observações etnográficas

Um importante aspecto das dinâmicas das pequenas e médias cidades é a forma como se estabelece a relação entre o urbano e o rural. Para além de todo o movimento do agronegócio, maior mecanização e uso de tecnologias na produção, no contexto da vida rural, os meios de transporte e os pontos de internet criam fluxos sociais constantes de bens, informação e indivíduos, estabelecendo uma rede de inter-relações objetivas e subjetivas que tendem a tornar essas espacialidades sociais menos segmentadas. Constrói-se, assim, um ambiente urbano marcado por ruralidades e um ambiente rural com traços urbanos, fazendo com que os limites entre o rural e o urbano configurem-se como um *continuum*, já evidenciado em textos consagrados a respeito do fenômeno urbano:

[...] não devemos esperar encontrar variação abrupta e descontínua entre tipos de personalidades urbana e rural. A cidade e o campo podem ser encarados como dois pólos em relação aos quais todos os aglomerados humanos tendem a se dispor. [...] Enquanto identificarmos o urbanismo como a entidade física da cidade, encarando-o meramente como rigidamente delimitado no espaço, e procedermos como se as características urbanas cessassem abruptamente de se manifestarem além da linha fronteira arbitrária, provavelmente não chegaremos a nenhum conceito adequado de urbanismo como um modo de vida (WIRTH, 1938, p. 3 e 4).

Contemporaneamente, no interior do estado do Ceará e em cidades como Limoeiro do Norte, o alto índice de uso de motocicletas por quase todas as faixas etárias, dos mais idosos até os adolescentes, “diminui a distância” entre os distritos rurais e a sede do município. Escolas, festas, compras, trabalho, missas e festividades religiosas, compromissos e lazer em geral integram cada vez mais as duas áreas. A isso acrescentam-se as tecnologias da informação, os ônibus escolares que levam os alunos das zonas rurais para cursarem o ensino médio

na sede do município e o grande número de pessoas que, morando na zona rural, trabalham na zona urbana e vice-versa. Em cidades como Limoeiro do Norte, não é incomum que nas zonas rurais se veja pessoas “tangendo”⁹ o gado em motos, que substituíram em grande parte os cavalos e jumentos utilizados outrora para essa atividade, e, por outro lado, também não é pouco usual que se presencie a travessia de animais em pontos próximos ao centro da cidade. É nesse contexto que realizamos aproximações etnográficas na zona rural de Limoeiro, procurando identificar as percepções sociais sobre o crescimento do medo e da violência, com as especificidades que adquirem nesses espaços.

Em entrevista com um agricultor com mais de 80 anos, chamado José Antônio¹⁰, residente de um distrito da zona rural de Limoeiro do Norte, indaguei sobre histórias de violência na sua região e se ele havia percebido um recente aumento nos crimes envolvendo roubos e homicídios. Ao que respondeu:

[...] quando eu era rapazinho novo já mataram Chico Alcides por aqui, foi um dos primeiros que eu vi morto de faca, eu era novo, foi há uns 60 anos atrás. Ave Maria, [na época] era uma coisa medonha, ainda mais que era uma pessoa conhecida nossa, mas demorou longe...longe...e se falar de aqui por perto, deve estar com uns dez anos que aumentou muito. Se contam várias mortes, de várias pessoas que a gente não esperava nunca ver. [...] vinha até pouco pra cá e hoje a gente quase só vive com medo. Porque se está em casa tá com medo de que cheguem pra assaltar e se não tiver dinheiro matam, se é no caminho é um perigo medonho.

O assassinato a que se refere o interlocutor na passagem acima ocorreu por motivos de honra ferida e desavenças em um contexto de festa local. O que chama atenção, no entanto, é a forma como suscitava grande comoção a

9. Ato ou efeito de fustigar os animais, através de diversos meios como como o aboio, toadas e gesticulações, com vistas a guiá-los.

10. Este nome e todos os outros citados ao longo desse trabalho são nomes fictícios, com vistas a manter o anonimato dos entrevistados. Fizemos também pequenas correções de pronúncia.

existência de um assassinato como esse, mobilizando afetos de mais de seis décadas passadas. As mortes na região de que José Antônio pôde se recordar com detalhes, presenciadas em sua juventude, tinham a arma branca como instrumento principal e, segundo ele, havia um tal estranhamento a respeito de tais acontecimentos que, a partir deles, facilmente se disseminavam ideias de que as pessoas deveriam, por exemplo, se afastar do sangue das vítimas, sob o risco de sofrer alguma espécie de “maldição” (BRITO, 2019, p. 32).

Ainda sobre o crescimento da violência e da insegurança no interior rural de comunidades do Vale do Jaguaribe, tem chamado a atenção o aumento do furto de animais, como vacas, cabras e ovelhas, em especial no período de menor chuva e maior dificuldade de plantio e criação para os residentes do semiárido nordestino. O interlocutor nos relatou alguns detalhes sobre o processo:

Por aqui, de gado, roubaram muito no verão, muitas vezes. Ali vizinho aonde está meu gado roubaram 5 reses de uma vez, quatro vacas de leite e um touro zebu. E agora há pouco roubaram 5 vacas de um rapaz ali do setor. [...] Mata, deixa as cabeças e os mocotós...uns deixam os couros, outros levam até os couros. Às vezes tiram o fato. Ultimamente roubaram quatro vacas de um rapaz ali... [...] param uns dias assim e quando “dá fé”... talvez esteja com uns dois meses que roubaram na casa de Zé de Anchieta, que é tio da mulher de Francisco [filho], roubaram umas criações...tem um velhinho morando lá, só... e chegou, tacaram o pé na porta nove horas da noite [...] chegaram o “véi” [sic] tava deitado numa cama...deixaram amarrado, encostaram o carro no chiqueiro da criação¹¹, que tinha muita criação, aí roubaram, levaram a que quiseram, escolhendo...não tinha gente em casa! Disseram a Francisco que roubaram 50 cabeças.

Tal contexto, suscita um ambiente de desconfiança e menor familiaridade entre os agricultores residentes dos distritos rurais. Isso acontece porque, no seu entendimento, furtos desse tipo só poderiam ocorrer com o envolvimento

11. Caprinos e ovinos.

de pessoas que tivessem o mínimo de conhecimento no manejo de tais animais e, também, da região. Caso contrário, a localização dos currais e das casas mais suscetíveis a tais práticas, as dificuldades e especificidades do manuseio e abate de animais de criação e bovinos seriam impeditivos. Tanto no que se refere aos homicídios quanto ao furto de animais, é notório que os casos são lembrados nominalmente e em riqueza de detalhes, recebendo a atenção e despertando o estranhamento de todos. Aqui, é possível destacar uma diferença notável entre um residente de uma grande cidade que toma conhecimento de um roubo nas proximidades de sua residência e um agricultor de um pequeno distrito rural que passa pela mesma situação.

Isso ocorre porque a grande quantidade de pessoas em interação nos grandes centros, nos dirá Georg Simmel (1903), contribui para a constituição de uma espécie de camada protetora da dimensão emocional do indivíduo, por conta da intensificação das impressões sentidas no fluxo das relações urbanas, dando-lhe uma espécie de atitude *blasé* caracterizada como um “(...) embotamento frente à distinção das coisas; não no sentido de que elas não sejam percebidas, (...) mas sim de tal modo que o significado e o valor da distinção das coisas e com isso das próprias coisas são sentidos como nulos” (SIMMEL, 1903, p. 581). Tais distinções entre o urbano e o rural, parecem se relacionar diretamente com o tamanho populacional, como observado por Louis Wirth, apoiando-se em Max Weber:

Max Weber, reconhecendo o significado social desse fato, salientou que, do ponto de vista sociológico, os grandes números de habitantes e a densidade do agrupamento significam que as relações de conhecimento pessoal mútuo entre os habitantes, inerentes a uma vizinhança, estão faltando. O aumento do número, pois, envolve uma modificação no caráter das relações sociais (WIRTH, 1938, p. 11).

Esse contexto de violência difusa e medo, por sua vez, resulta em mobilidades residenciais dentro dos distritos rurais, especialmente no fluxo que vai de regiões mais isoladas para locais com maior aproximação entre as casas.

Assim, o medo e a insegurança motivam mobilidades distintas, em certos aspectos, comparando-se ao ambiente urbano: enquanto na zona urbana há a lógica do isolamento em casa, com a construção de muros, cercas elétricas e a contratação de vigilantes noturnos, na zona rural o sentido é de aproximação. O que significa a construção de casas próximas a parentes e em locais de maior movimentação, quando não a mudança para as sedes das cidades (BRITO, 2019, p. 33).

Vish, esse rapaz que mora aí e tem um bodeguinha, deixou de morar nos Patos, numa casinha dele, plantava, terreno de planta, comprou uma casinha e está morando aí há dois anos. No “beijo” da rodagem¹². Tem, agora mesmo, um rapaz que comprou uma casa há pouco tempo pra morar. O povo de Zé Antônio, moravam lá perto de Zé Bezerra, compraram uma casinha e estão morando ali, fecharam lá, tá tudo fechado as casas lá. As casas estão poucas com gente. Lá nas Lajes só tem Francisco Raimundo e Zé da Silva e no Açudinho só tem Luiz Acácio e um genro ou dois, pronto. Não tem mais João da Costa, nem Zé Oliveira, nem Marcondes, nem Zé Caboco. Só por medo. E tem que vir, senão morre lá. Luiz Acácio morava aqui, foi assaltado três vezes e ainda disseram: - Depois nós vêm buscar dinheiro [de novo]. Aí que ele resolveu vir simhora.

Outro aspecto do *continuum* entre urbano e rural nas cidades do interior do estado está relacionado ao uso de estradas carroçáveis como rota de fuga de roubos. Diversas são as matérias veiculadas em jornais locais que dão conta de roubos de pedestres ou de motoqueiros, em que os assaltantes, após efetuar o ato, segundo informam os passantes locais, tomam rumo ignorado em direção às adjacências da sede do município através de estradas de terra. Abaixo, temos um exemplo de uma notícia comum de jornal local sobre casos de roubos de pertences na zona rural, onde a distância da sede do município facilita fugas e possibilita roubos consecutivos.

12. Próximo ao asfalto que leva à sede do município.

Nesta terça-feira, dia 24, por volta das 20h30min, no Sítio Marquinho, zona rural, dois indivíduos em uma moto Honda Biz de cor verde, ambos com capacetes e um deles armado a revolver, deram início a uma onda de roubos, fazendo como primeira vítima, uma mulher de 30 anos, natural de Limoeiro do Norte-CE, de quem levaram sua moto uma Honda 150, vermelha, de placa xxx-0000¹³ e dois aparelhos celulares, e abandonaram neste local a moto que usavam (HONDA BIZ, VERDE, DE PLACA XXX-0001) que apresenta queixa de roubo, ocorrido no dia 13.01.2017 em Limoeiro do Norte-CE. Ao chegarem na localidade de Jenipapeiro, nas proximidades da ponte do Cabeça Preta, [outro distrito rural] a moto que roubaram que possui sistema de alarme e trava, acabou fazendo com que os indivíduos a abandonassem, e eles continuaram a fuga a pé, até o Sítio Saquinho, onde os dois chegaram numa residência e assaltaram várias pessoas que estavam no local: uma jovem de 20 anos, natural de Limoeiro do Norte-CE, de quem foi levado um aparelho Notebook e um aparelho celular; um jovem de 22 anos, de Limoeiro do Norte-CE, de quem tomaram uma outra moto Honda CG-125 Fan, preta, de placa xxx-0002, e um aparelho celular, e dali empreenderam fuga sentido ao município de Quixerê-CE, onde ainda na Localidade de Lagoa do Boi, zona rural de Limoeiro do Norte, PMS conseguiram fazer a abordagem aos suspeitos, os quais foram identificados [...]. (25.01.17, TV JAGUAR)¹⁴

Como nas zonas urbanas, grande parte dos roubos na zona rural também envolvem objetos como celulares, computadores e outros aparelhos eletrônicos, uma vez que o serviço de internet já alcança boa parte dessas regiões, tendo crescido o número de residências com computadores e *notebooks*. Para além desses aparelhos eletrônicos, o bem mais comum aos moradores das zonas rurais que são mais furtados ou roubados são as motocicletas. É um bem comum na medida em que é o veículo básico de locomoção, tendo substituído, na maior

13. Esta e as outras placas são fictícias neste trabalho.

14. Disponível em: <<http://www.tvjaguar.com.br/noticia/2461/Polcia-prende-suspeitos-de-assaltos-em-Limoeiro-do-Norte-CE.-Motos-e-outros-objetos-roubados-foram-recuperados..html>>.

parte das vezes os cavalos/muare e as bicicletas, além de ser amplamente utilizado na locomoção.

Nesta quarta-feira, dia 08, por volta das 08h, na localidade de Faceira, zona rural, foi vítima de roubo uma mulher de 47 anos, que foi surpreendida por três indivíduos em uma motocicleta, armados de revólver, os quais tomaram uma moto Honda CG 150 Titan ks, cor vermelha, de placa xxx-0003. Já por volta das 11h40min, um jovem de 24 anos, foi abordado no Sítio Sucupira, por dois indivíduos armados, que roubaram da vítima uma moto Honda Titan 125, de cor preta, de placa xxx-0004. E pouco tempo depois, por volta das 13h, uma mulher de 58 anos foi abordada numa estrada carroçável que liga Limoeiro ao sítio Espinho. Ela foi surpreendida por dois indivíduos armados de revólver que tomaram de assalto sua motocicleta Honda BIZ 125 ES, de cor preta, de placa xxx-0005, e em seguida fugiram tomando rumo ignorado. Diligências foram feitas à procura dos suspeitos e na tentativa de recuperar as motos roubadas, porém sem êxito até o momento (09.03.17 TV JAGUAR).¹⁵

As notícias policiais de jornais locais, que acompanham de perto e transmitem alguns detalhes dos roubos e homicídios, são um importante meio de compreensão do fenômeno. Tais meios de comunicação, especialmente através de páginas de textos, vídeos na internet e programação televisiva, têm ocupado cada vez maior espaço no consumo informacional local, uma vez que, esse conteúdo costuma alcançar “[...] elevados índices de audiência, ganhando, por consequência, cada vez mais o interesse de anunciantes e/ou patrocinadores [...]”, como afirma Morales (2020, p.117), referindo-se aos programas policiais televisivos cearenses.

Amedrontados e vulneráveis, cercados por programas de espetacularização violenta da segurança pública, boa parte da população passa a enxergar os policiais como “resolvedores” da violência, podendo, para isso, utilizar-se

15. Disponível em: <<http://www.tvjaguar.com.br/noticia/2925/ROUBOS-DE-MOTOS-EM-LIMOEIRO-DO-NORTE.html>>.

dos meios que se mostrarem “necessários”. Nesse contexto, “bandido bom é bandido morto” é um jargão que acaba por parecer ser a solução para aqueles que se veem cercados pelo risco, real ou imaginado, de serem vítimas a qualquer momento.

Em um contexto de observação etnográfica com residentes da sede do município, realizado de modo paralelo à aplicação de questionários, pudemos observar dois senhores, com cerca de 60 anos, que especulavam sobre as mortes e roubos recentes, de onde pudemos registrar o seguinte diálogo: “Se quando a polícia pegasse um ‘caba’ desses matassem logo, dava uma diminuída”, no que o outro respondeu: “Dava sim e inibia os outros de assaltarem”. Tais discursos, constantemente expressos ou sugeridos nos meios de comunicação de grande audiência nas tardes diárias, podem ser facilmente encontrados em qualquer diálogo corriqueiro e contribuem para a justificação da violência policial pelos novos instrumentos de segurança pública em exercício na cidade.

Em uma incursão etnográfica noturna, pude realizar alguns registros em um bar típico das cidades do interior do estado do Ceará. Um balcão separava o espaço do dono do bar, que ficava cercado de garrafas de aguardente colocadas em fila na parede. Do outro lado, três frequentadores cotidianos do bar revezavam as duplas que jogavam sinuca. Duas notas de dois reais ficavam “casadas” (apostadas), sob as quais repousavam o giz e as fichas, de modo a evitar que o vento derrubasse as notas. Vi ali uma oportunidade de conversar e procurar extrair impressões sobre o aumento da violência, como vínhamos fazendo desde o início da pesquisa, seja de maneira formal, com a aplicação de questionário e gravador, ou informalmente, e perguntando pouco, mas ficando atento etnograficamente (WHYTE, 1993).

Em seguida, após um convite, resolvi jogar algumas partidas e tentar ganhar a confiança para algumas perguntas a respeito da pesquisa, apesar de perder algum dinheiro por conta das apostas. Por uma eventualidade, não precisei perguntar sobre violência e insegurança, pois começou a ocorrer uma “batida policial” na praça ao lado do bar, com revista violenta nos jovens abordados, que bebiam. O dono do bar, que também estava jogando sinuca, disse “Isso é os ‘caba’ do raio, vê esses meninos há uma hora dessas, embaixo de

árvore e mete a bicuda nas canelas, é direto aqui”. Acreditei que o dono do bar estava reprovando a abordagem policial violenta, e então comentei, tentando dar prosseguimento à conversa: “Pois é, por que isso?”. Ao que ele respondeu, para a minha surpresa: “Não, mas isso é porque desconfiam de alguma coisa, policial é tipo psicólogo, conhece só pelo olhar”. “Veja bem”, dizia ele, “Nunca uns ‘caba’ do raio desses vão parar dois cidadãos desses”, e apontou para os dois com quem eu tinha jogado sinuca há pouco. “Agora, uns ‘cabinha’ desses vão ficar fazendo o que embaixo de árvore há uma hora dessas? Isso devem estar se envolvendo com coisa errada”.

O dono do bar entendia haver legitimidade na violência exercida pelo simples fato da existência da autoridade policial. No entendimento dele, o policial só é violento porque sabe que está lidando com “bandidos”, conhecimento que adquire “só pelo olhar”. Em seguida, este senhor passou a falar do seu filho, que teria estudado toda a vida na melhor escola da cidade, na qual nunca tirou nota baixa e que hoje está terminando o ensino superior na capital. Afirmou que, quando seu filho vem a Limoeiro, reúne-se com os amigos, “junta” umas mesas na calçada e toma *whisky*. Segundo ele, seu filho nunca foi parado por policial, pois os “policiais são tipo psicólogos, eles sabem quem está certo e quem não está”. Nesse contexto, a questão da ilegalidade e do desvio vai se conformando, através de um intrincado de relações e assimetrias de poder, à medida que se relacionam a:

[...] diferentes setores e indivíduos na sociedade, que possuem pontos de vista diferentes, como os usuários de drogas, os comerciantes dos bares, os moradores, os intelectuais, os policiais, os empresários, a mídia, a burocracia do Estado e outros. O que parece desvio para alguns, parece cumprimento da lei por outros (SÁ e NETO, 2011, p. 159).

Nesse momento da pesquisa, pôde-se observar a justificação da seletividade da abordagem policial em exercício, através de uma suposta capacidade observacional dos agentes de segurança, que, na prática, realiza-se através de marcadores sociais muito bem definidos: jovens, negros e/ou moradores de

regiões rurais e suburbanas da cidade. Nesse contexto, o que se faz não é tão determinante, mas sim como e “quem” faz, uma vez que atitudes semelhantes podem resultar em abordagens policiais distintas, à medida que “(...) o desvio em relação a certas normas pode ocorrer não porque as normas sejam rejeitadas, mas porque outras normas, consideradas mais prementes (...) ganham precedência (BECKER, 2008, p. 40). O “enquadro” – ou “baculejo” – funciona nesse processo como parte dos mecanismos de poder reforçadores da “sujeição criminal” (MISSE, 2008) e das assimetrias de poder que caracterizam grande parte das relações travadas entre policiais militares e jovens considerados suspeitos (SÁ e NETO, 2011, p. 150).

Em outro contexto, entrevistando duas limoeirenses na rodoviária de Fortaleza, aguardando o ônibus para ir em direção à cidade realizar entrevistas, levantamos o assunto sobre o recente caso, à época, do assassinato de oito pessoas em menos de 12 horas, em Limoeiro do Norte.¹⁶ Ao que pudemos registrar o seguinte diálogo: “Ao todo morreu só um inocente e o resto era envolvido, bandido”. Ao que a outra interpelou: “Mas mulher, será que aqueles dois [referência à duas pessoas específicas] eram bandidos?”. Em seguida: “Sei não, acho que eram”. Aqui, a linguagem que justifica a violência e classifica certas vidas como “matáveis” (FREITAS; BRASIL; ALMEIDA, 2012) fica explícita, com termos como “bandido” ou “envolvido”, designando os sujeitos supostamente relacionados ao tráfico de drogas, assim como nos grandes centros urbanos.

O sentimento de medo compartilhado resulta com frequência em mobilizações populares, que buscam, aos seus modos, reivindicar por soluções em relação às novas dinâmicas da violência, apelando a um aumento do policiamento. Em uma manifestação online dos moradores do Setor NH-3, distrito rural de Limoeiro do Norte – localizado na divisa com a cidade de Morada Nova e que compõe o Perímetro Irrigado de Morada Nova (PIMN) –, pudemos encontrar discursos que se relacionam à questão do isolamento rural e a percepção de crescimento da violência. O título do abaixo-assinado é “O Setor

16. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/11/limoeiro-do-norte-no-ceara-registra-oito-assassinatos-em-menos-de-12-h.html>>.

NH-3 pede SOCORRO”. Segue a transcrição literal.¹⁷

O crime e a intolerância reina na comunidade do Setor NH-3 (PIMN), precisamos urgente de um posto de segurança com a base no setor NH-3, ou no distrito de Pedras [Distrito rural de Morada Nova-Ce]. Já são muitos assaltos em um curto período de tempo, quando levam bens materiais que já é um absurdo pois lutamos e trabalhamos pra conquistar ainda nos deixa um sentimento de impotência, mas é quando levam vidas como já aconteceu, que nos deixa um prejuízo sem fim, que mesmo a justiça atuando não resgatará a vida perdida, e então percebemos o quanto estamos abandonados. São seus amigos, família, e conhecidos que sofrem pela falta de segurança na comunidade. A distância da comunidade para as cidades vizinhas põe um alvo nas costas de quem não merece sentir tanto medo.

Na área de comentários, em que o modelo de abaixo-assinado pergunta os motivos para que se esteja assinando, pudemos observar diversas considerações sobre a transformação ou mudança de um lugar “tranquilo” para um ambiente de medo – os nomes dos comentaristas foram resguardados:

-Lamentável a situação de insegurança que se encontra o setor!; -Mais Segurança para o nh3 e comunidades vizinhas; -Passei 20 anos da minha vida aí, era uma comunidade muito tranquila; -Cresci lá, e meus amigos e familiares ainda vivem lá, não é justo um lugar onde só havia paz hoje seja aterrorizado por vagabundos sem nenhuma punição...; -Tenho família lá, foi onde cresci e é muito triste ver o que estar acontecendo; -É Muito triste ver a comunidade onde nasci e fui criada, desse jeito toda semana um assalto, e se fosse só isso estava razoável (sic). AUTORIDADES um inocente já foi morto nessa comunidade, vocês precisam reagir, do jeito que estar não pode ficar. Uma comunidade inteira com medo sair de casa, se bem que nem precisa sair mais, eles invadem(sic) tudo; -Acompanho minha família, meus amigos,

17. Link da página do abaixo assinado disponível em: <<https://www.change.org/p/prefeitura-setor-nh-3-pede-socorro>>.

e também a cidade que nasci por redes sociais, e cada dia que passa, ela vira exemplo de criminalidade. O Ceará em si, era visto pela maioria das pessoas que moram no sudeste e dentre outras regiões, como uma região para férias, lazer e divertimento, hoje vejo amigos aqui que já não pensam mais como antes; [...] já levaram a vida até de um inocente que estava tranquilamente num lugar que até então era considerado calmo...Onde estamos meu povo, que não podemos nem sair a noite em nossa própria comunidade??? Que mundo é esse que ninguém faz nada???; -Estou assinando porque nasci e me criei nesta comunidade, que costumava ser pacata e livre de qualquer tipo de violência; -Estou assinando porque não suporto mais tanta insegurança nesta pacata comunidade; -Sou moradora do setor nh-4,estou assinando aqui pois toda nossa comunidade do perímetro irrigado pede socorro, então tá mais do que na hora do prefeito de Morada nova unir forças com o prefeito de Limoeiro do Norte para juntos buscarem segurança pra nossas comunidades, procurem as pessoas certas e que possam resolver o problema de insegurança que reina aqui em nossa região [...].

Tais contextos de vulnerabilidade, medo e insegurança ajudam a explicar o crescimento das demandas por maior intervenção policial, refletindo, por exemplo, na eleição de candidatos que prometem ser “linha dura”, no que se refere à questão da violência. As políticas de segurança pública que resultam de tais demandas aprofundam o problema, com o aumento do número de mortes por intervenção policial e acirramento dos conflitos sociais, ajudando, assim, a formar o quadro em que se encontra grande parte das metrópoles brasileiras e que passa a atingir cada vez mais o interior dos estados.

Considerações finais

Esse artigo é fruto de um primeiro esforço de aproximação ao tema da interiorização da violência no Brasil, nos concentrando especificamente nessa pesquisa em um recorte na cidade de Limoeiro do Norte, interior do Ceará. Com o passar das décadas, a violência passou a se espalhar pelo território nacional em um movimento de interiorização, partindo dos núcleos urbanos

mais populosos, em direção às capitais do norte e nordeste do país para, em seguida, fazer parte do cotidiano das pequenas e médias cidades do território brasileiro. Nessa pesquisa, pudemos observar, a partir da cidade de Limoeiro do Norte, um crescimento do número de homicídios, sensação de insegurança, roubos e progressão do uso de armas de fogo na resolução letal de conflitos. Tal fenômeno contribui para a conformação de novas sociabilidades, que merecem a atenção da investigação social empírica.

Através da articulação de metodologias quantitativas e qualitativas, como entrevistas, pesquisa de campo etnográfico, recortes de jornais e análises de dados estatísticos primários e secundários, pudemos observar uma série de percepções sociais e transformações nas relações permeadas pelo contexto de crescimento da violência. Em síntese, podemos destacar especialmente: o impacto do medo na transformação dos hábitos e relações sociais, especialmente noturnos; a amplificação do medo relacionada ao contexto de maior proximidade que caracteriza as cidades de pequeno porte; algumas características da violência no contexto rural; os processos em curso de mobilidade residencial nesses distritos e as dinâmicas de justificação da violência policial. O processo em curso de interiorização da violência no estado do Ceará, e em outros estados da federação, merece a atenção da investigação sociológica e de políticas públicas, uma vez que é, a um só tempo, um fenômeno de transformação social importante e de interesse público geral.

Referências

CERQUEIRA, D. (Coord.). **Atlas da Violência 2019**: Retratos dos Municípios brasileiros. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo, 2019a.

CERQUEIRA, D. e MELLO, J. (Coord.). **Atlas da Violência 2019**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo, 2019b.

ANDRADE, L.T. e DINIZ, A.M.A. A reorganização espacial dos homicídios no Brasil e a tese da interiorização da violência. **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 30, 2013, p.171-191. Disponível em: <<https://www.rebep.org.br/revista/article/view/390/>

pdf_366>. Acesso em: 03 de set. 2020.

BARREIRA, César. **Trilhas e atalhos do poder**: conflitos sociais no sertão. Rio de Janeiro: Rio Fundo - Editora, 1992.

BARREIRA, César. **Crimes por encomenda**: violência e pistolagem no cenário brasileiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1998.

BARREIRA, César. Pistoleiro ou vingador: construção de trajetórias. **Sociologias** (UFRGS), Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2002, p. 52-82.

BARREIRA, César. **Cotidiano despedaçado**: Cenas de uma violência difusa. Fortaleza/Brasília/Campinas, Funcap/CNPq-Pronex/Pontes, 2008.

BARREIRA, César. Violência difusa, medo e insegurança: as marcas recentes da crueldade. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 01, 2013, p. 217-242.

BECKER, Howard S. **Outsiders**. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECKER, Howard S. A epistemologia da pesquisa qualitativa. **Revista de Estudos Empíricos em Direito**. vol. 1, n. 2, 2014, p. 184-198.

BRITO, André Lucas Maia de. **A causalidade na explicação sociológica e a teoria da estruturação de Anthony Giddens**. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/38004>>. Acesso em: 17 de set. 2020.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. Existe violência sem agressão moral?. **Rev. bras. Ci. Soc.** São Paulo, v. 23, n. 67, 2008, p. 135-146. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092008000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 jun. 2020.

CAVALCANTE, Peregrina Capelo. **Matadores de gente**: Como se faz um pistoleiro. São Paulo: Annablume, 2002.

DATAFOLHA/SENASP/CRISP. **Pesquisa Nacional de Vitimização**, 2013.

DATASUS (MS/SVS/ CGIAE). CID 10/ Óbitos por causas externas. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sim/cnv/ext10ce.def>>. Acesso em: 20 de set. 2020.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FREITAS, G. J.; PAIVA, Luiz Fábio S. Ecos da violência nas margens de uma sociedade democrática: o caso da periferia de Fortaleza. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 18, n. 2, 2015, p. 115-128.

FREITAS, G. J.; BRASIL, G. M.; ALMEIDA, R. O. Morte em fronteiras: jovens “matáveis” nos celeiros da política e da cidade. **Configurações** [Online], v. 10, 2012, p. 165-184. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/configuracoes/1509>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

LIMA, R. S. **Contando crimes e criminosos em São Paulo: uma sociologia das estatísticas produzidas e utilizadas entre 1871 e 2000**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-04022006-201043/pt-br.php>>. Acesso em: 12 de out. 2020.

MAIAa, Dália Maria Bezerra. **Brigas de Família: Tramas de sociabilidades no sertão do Ceará** (Dissertação de mestrado) – Centro de Humanidade, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/1216>>. Acesso em: 8 de out. 2020.

MAIAb, Francisco Oliveira Peixoto. **Pistolagem no Vale do Jaguaribe** (Monografia) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, 2007. Disponível em: <<http://tmp.mpce.mp.br/esmp/biblioteca/monografias/d.penal-d.proc.penal/pistolagem.no.vale.do.jaguaribe> [2007].pdf>. Acesso em: 6 de abr. de 2020.

MARTINS, José de Souza. O futuro da sociologia rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 15 (43), 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/GzxyymmStTdtPxScJPQFJPKH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 de set. 2020.

MATOS JÚNIOR, Clodomir Cordeiro de. Interfaces metodológicas nos estudos sobre a criminalidade. In: BARREIRA, César; RUSSO, Maurício Bastos; PAIVA, Luiz Fábio Silva. (org.). **Violência como campo de pesquisa e orientação**. Campinas: Pontes Editores, 2014.

MISSE, Michel. Sobre a construção social do crime no Brasil: esboços de uma interpretação. In: Michel Misse (org.). **Acusados e acusadores: Estudos sobre ofensas, acusações e incriminações**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2008.

MORALES, Luciana Pinho. **Nas redes do “telejornalismo policial” cearense: uma análise etnográfica do fazer jornalístico**. 263 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

MORETTIN, P. A.; BUSSAB, W. O. **Estatística básica**. São Paulo: Saraiva, 2010.

SÁ, Leonardo; SANTIAGO NETO, João Pedro de. Entre tapas e chutes: um estudo antropológico do baculejo como exercício de poder policial no cotidiano da cidade. **O Público e o Privado**, Fortaleza, v. 9, n. 18, 2011, p. 147-163. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2480>>. Acesso em: 20 set. 2020.

SILVA, Phillip César Albuquerque. **A interiorização da violência: A dinâmica dos homicídios no Brasil (2004 – 2015)**. (Dissertação de mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Mestrado Profissional em Políticas Públicas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/35280/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Phillip%20C%c3%a9sar%20Albuquerque%20Silva.pdf>>. Acesso em: 6 de jun. 2020.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Revista MANA**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2005, p. 577-591. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/WfkbJzPmYNdfNWxpyKpcwWj/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 03 de set. 2020.

VASCONCELOS, Francisco Thiago R. A municipalização da segurança pública em Maracanaú-CE: desafios em um contexto histórico de

violência e fragilidade do poder público. **O público e o privado**, Fortaleza, n. 25, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=1222>>. Acesso em: 7 de jun. 2020.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2014**: Os jovens do Brasil. Brasília: Flacso Brasil, 2014. Disponível em: <https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Mapa2014_JovensBrasil.pdf>. Acesso em: 2 de jun. 2020.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da Sociologia compreensiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

WHYTE, W. F. **Street corner society: the social structure of na Italian slum**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como modo de vida. In: **O Fenômeno Urbano**. Otávio Guilherme Velho (Org.). Janeiro: Zahar, 1967. p.97-122.

Recebido: 30/12/2020

Aceito: 03/02/2022